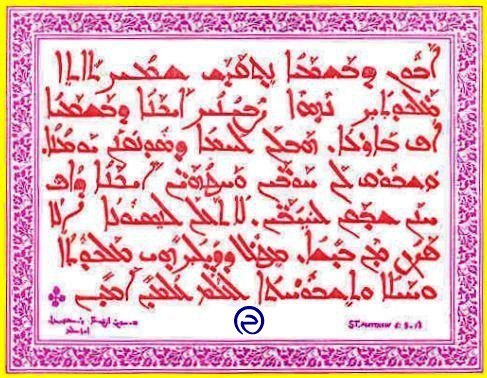
**Oração do Senhor**

**- Pai Nosso -**

***Rev. Frei João Milton Menezes***

**2017**

**Conteúdo:**

|  |  |
| --- | --- |
| “Pai Nosso” – a oração ensinada por Jesus ............................................... | 1 |
| Pai nosso que estais nos céus .................................................................... |  |
| Santificado seja o vosso nome .................................................................. |  |
| Venha a nós o vosso reino ......................................................................... |  |
| Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu ............................ |  |
| O pão nosso de cada dia nos dai hoje ........................................................ |  |
| Perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos os que nos ofenderam .................................................................................................. |  |
| Não nos deixeis cair em tentação, mas livrais-nos do mal ........................ |  |
| Oração do Senhor (O Pai Nosso) - interligação e vivência ....................... |  |

**“Pai Nosso” – a oração ensinada por Jesus.**

Em outras reflexões, vimos que a oração é um meio de se entrar em contato com a divindade e que pode ser uma oração verbalizada, de forma espontânea ou repetitiva, uma oração meditativa, por diversas formas, ou uma oração contemplativa.

Alguns voltam-se para dentro de si e buscam, pela meditação, o íntimo encontro com a essência divina que neles habita, numa relação chamada por alguns de monista, não havendo distinção entre o ser humano e a divindade. Outros buscam, por intermédio da verbalização ou da contemplação, o Deus existente em todos os lugares e em todos os tempos, numa relação devocional dita dualista entre o ser e seu Deus. Independente da forma ou do caminho dessa relação, quando oramos estando nos relacionando com o Altíssimo, como e onde quer que O percebamos, dentro e/ou fora de cada um de nós.

Em todas as tradições religiosas existem formas orantes, mesmo naquelas que não admitem essa relação com o divino. Porém, mesmo nelas, o praticante desenvolve ações que o levam ao encontro com sua essência, sua luz interior, seu verdadeiro eu.

Nessa sequência de reflexões, abordaremos a oração verbalizada e repetitiva, mais especificamente a oração do “Pai Nosso”, utilizada por todas as tradições religiosas cristãs.

Entretanto, gostaríamos de levantar algumas questões de nossa prática orante, ao utilizarmos essa oração ensinada pelo próprio Cristo Jesus e narrada por dois evangelistas – Mateus e Lucas (Mt 6,9-13; Lc 11,2-4)

Ocorre que, o próprio Cristo Jesus alertou-nos quanto à prática da oração, no mesmo capítulo da oração do “Pai Nosso” narrado por São Mateus. Ele destaca a importância da oração jamais ser feita hipocritamente, externando tal prática como exemplo para outros, na vã tentativa de demonstrar a intensidade de sua fé (Mt 6,5). O Grande Mestre e Senhor Nosso, chegou a dizer que, idealmente, devemos orar de portas fechadas, “*em segredo*”, não havendo necessidade de se “*multiplicar as palavras*”, pois não seremos ouvidos “*à força de palavras*”. (Mt 6,6-7)

Porém, a oração, mesmo repetitiva, quando nasce do interior, “do coração”, quando toma conta de todo o ser orante, quando, de fato, busca a íntima relação com o Altíssimo, ela vai muito além do mero recitar de palavras e versos, ela passa a interligar o mortal com o imortal, o efêmero com o infinito, a criatura com o Criador. A oração, quando feita pelo espírito e não pelo intelecto, atinge o inimaginável, resgata o vínculo entre o natural e o sobrenatural, entre o ser e o Absoluto.

Mas para que isso ocorra, precisamos ter a clareza do que se está dizendo. Não que racionalizemos a oração, não que a utilizemos como um discurso, por mais bonito que seja. Precisamos saber o significado da nossa fala e, com isso, mesmo sem refletirmos sobre as palavras pronunciadas, sentiremos a força de seu conteúdo, o vigor de sua expressão, a intensidade da relação que se estabelece.

Dessa forma, estamos nos propondo a ir além das palavras que constituem o “Pai Nosso”, buscando o real significado e a essência de seu teor, em que o texto pode se transformar, quando além de recitado, ele é sentido e introjetado, fazendo com que a fala seja um direcionador do pensamento e da ação. Ao recitarmos o “Pai Nosso”, não estamos repetindo uma oração que a nós foi ensinada, estamos sentindo e nos comprometendo com o que estamos dizendo, estamos assumindo que o recitado será vivido e o dito será realizado em nosso cotidiano, como um norteador para o nosso caminhar.

Vejamos outro ponto.

A Bíblia, como uma das Escrituras Sagradas, traz em seu teor a chamada numerologia bíblica, especialmente pelas origens judaicas, que seria a utilização de determinados números, não com a sua aplicação literal, “ao pé da letra”, como se diz. Representam significados e a qualificação de uma determinada situação. Nessa linha, não se aceita a utilização dos números, assim como as demais palavras de todo texto, por mero acaso.

Podemos encontrar, por exemplo, o número 40 (quarenta) em diversas passagens bíblicas, assim com o número 7 (sete), dentre outros, em menor quantidade:

O dilúvio caiu sobre a terra durante **quarenta** dias. As águas incharam e levantaram a arca, que foi elevada acima da terra. (Gn 7:17);

Abraão gerou Isaac. Isaac tinha a idade de **quarenta** anos quando se casou com Rebeca, filha de Batuel, o arameu, de Padã-Arã, e irmã de Labão, o arameu. (Gn 25:20)

Os israelitas comeram o maná durante **quarenta** anos, até a sua chegada a uma terra habitada. Comeram o maná até que chegaram aos confins da terra de Canaã. (Ex 16:35)

Moisés penetrou na nuvem e subiu a montanha. Ficou ali **quarenta** dias e quarenta noites. (Ex 24:18)

Moisés ficou junto do Senhor **quarenta** dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber água. E o Senhor escreveu nas tábuas o texto da aliança, as dez palavras. (Ex 34:28)

Tendo voltado os exploradores, passados **quarenta** dias. (Nm 13:25)

O filisteu aproximava-se pela manhã e pela tarde, e isso por **quarenta** dias seguidos. (I Sm 17:16)

O reinado de Salomão sobre todo o Israel durou **quarenta** anos, em Jerusalém. (II Cr 9:30)

Durante **quarenta** anos desgostou-me aquela geração, e eu disse: É um povo de coração desviado, que não conhece os meus desígnios. (Sl 94:10)

Nenhum pé humano passará aí, e também nenhum pé de animal; ele ficará inabitado durante **quarenta** anos. (Ez 29:11)

Jejuou **quarenta** dias e quarenta noites. Depois, teve fome. (Mt 4:2)

E a eles se manifestou vivo depois de sua Paixão, com muitas provas, aparecendo-lhes durante **quarenta** dias e falando das coisas do Reino de Deus. (At 1:3)

Pois já passava dos **40** anos o homem em quem se realizara essa cura milagrosa. (At 4:22)

Além dessas, mais de cem vezes o número “quarenta” foi utilizado na Bíblia. Podendo ser visto, em todas elas, como a expressão de muito tempo, tempo de provação, teste ou julgamento.

Já o número 7 (sete), o que mais aparece na Bíblia, pois nela pode ser encontrado mais de trezentas vezes.

De acordo com a imagem bíblica, o mundo foi feito em **sete** dias; na arca de Noé, tanto dos animais puros, como das aves, embarcaram **sete** casais de cada um; esperaram-se **sete** dias para secar completamente, após o dilúvio; no sonho do faraó, elucidado por José, o número **sete** relacionava-se à quantidade das vacas, das espigas e de tudo o mais que a ele apareceu; as **sete** pragas do Egito que possibilitou a libertação dos judeus; o isolamento dos doentes, segundo o livro dos Levídicos, era de **sete** dias; a circuncisão ocorria após **sete** dias do nascimento; após os levitas transportarem a arca da aliança do Senhor, foram sacrificados **sete** touros e **sete** carneiros; em diversos salmos aparecem o número **sete**, tais como no 118, apontando para as vezes ao dia que seriam publicados os louvores, por causa da justiça dos juízos; em Eclesiástico, é dito que “*a alma de um santo homem descobre às vezes melhor a verdade que* ***sete*** *sentinelas postas em observação numa colina*”; **sete** pães foram multiplicados por Jesus e **sete** vezes **setenta e sete** é o número que devemos perdoar nossos inimigos, segundo o próprio Jesus, sendo que, o mesmo Jesus, teria expulsado **sete** demônios de Madalena e **sete** foi a quantidade de quedas que Jesus teve no caminho para Gólgota. Esses são apenas alguns dos exemplos.

Cabe o destaque para o número *sete* em nosso cotidiano, com os sete dias da semana, as sete cores básicas que dão origem aos milhares de tons, as sete notas musicais, as sete maravilhas do mundo antigo e até mesmo o popular “*sete palmos abaixo da terra*”.

Em outras tradições, como no budismo, destaca-se o número sete, sendo o número dos passos dados por Sidarta, após seu nascimento, em direção aos sete pontos cardeais, da mesma forma que existem sete passos para a transposição dos limites do ego e a iluminação. Esse mesmo número refere-se à quantidade de divindades que comandam a natureza, às cabeças de Hidra de Lerna, aos deuses da antiga mitologia chinesa e aos candeeiros da Seicho-no-ie.

Em todos esses casos, o número sete é considerado o número da perfeição. No dia 7 de junho de 2007 (07/07/07), diversas celebrações foram feitas, no mundo inteiro, em honra ao Altíssimo.

Mas vocês devem estar me perguntando porque estou falando sobre numerologia bíblica ao iniciarmos nossas reflexões sobre a oração do “Pai Nosso”, principalmente sobre o número 7 (sete).

Eu explico.

Se atentarmos para a oração que Jesus nos ensinou, ela é composta de 7 (sete) partes que se completam e formam uma dedicação e fidelização perfeitas se unidas e cumpridas. Podemos dizer que, o Pai Nosso possui sete passos para que nos aproximemos do Altíssimo, sete procedimentos fundamentais para que nossa vida se direcione pelo caminho do bem, para que possamos buscar a perfeição.

Seria mais um acaso? Creio que não!

Dessa forma, abordaremos o “Pai Nosso”, considerando como sendo uma oração perfeita, até mesmo pela numerologia bíblica, em cada uma de suas sete partes, para que, ao final, as unamos na perfeição de indicação para ser utilizada e seguida.

Vejamos, assim, o quadro que se segue e, segundo ele, desenvolveremos nossas reflexões nos próximos sete dias.